

ANÁLISE DO DISCURSO, FOUCAULT E MÍDIA: ENTREVISTA COM MARIA DO ROSÁRIO GREGOLIN

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira¹

Geilson Fernandes de Oliveira²

Maria Adriana Nogueira³

Maria do Rosário Gregolin é Livre-docente em Análise do Discurso pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* Araraquara. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e mestra em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP). É Bolsista de Produtividade em pesquisa do CNPq – Nível 1C. Docente do Departamento de Linguística da UNESP/Araraquara, onde orienta trabalhos de doutorado, mestrado, graduação e iniciação científica, e atua como supervisora de pós-doutorado na área de Linguística. É também coordenadora do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA). Entre suas publicações destacam-se os livros *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso – diálogos e duelos* (Claraluz, 2004), *Discurso e mídia – a cultura do espetáculo* (Claraluz, 2003), entre outros.

A entrevista aqui apresentada foi realizada durante o *IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso* (CONLID), promovido pela Faculdade de Letras e Artes (FALA), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), entre os dias 23 a 25 de agosto de 2017. O evento teve como temática *Linguagens e discursos em tempos de crise*. Na oportunidade, a entrevistada proferiu conferência sobre o tema do Colóquio e ministrou o minicurso intitulado *Discurso, cibercultura e subjetividades*. Na conversa, os (des)caminhos que a levaram à AD são apresentados, oportunidade em que também são discutidos aspectos concernentes ao discurso, a sua análise, Foucault e a mídia, assuntos que, como poderá ser visto, estão entremeados à própria trajetória da pesquisadora.

1 Entrevistadores: Quais os caminhos ou descaminhos que a levaram à Análise do Discurso (AD)?

Maria do Rosário Gregolin: Na verdade, eu sou de uma geração formada aqui no Brasil, cursei Letras nos anos 70 durante o governo militar. A Linguística era uma Linguística americana que excluía toda a questão social e histórica. Eu participei do primeiro momento, que foi a chegada da AD no Brasil, quando fiz cursos com a professora Eni Orlandi⁴ na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ela na verdade foi a pessoa que mostrou para nós a existência dessa linha de pesquisa num primeiro curso que ministrou no Brasil em 1978/1979. Num primeiro momento, a AD fazia um confronto muito forte com a Linguística tradicional do nosso país, que era essa Linguística da língua e do enunciado fortemente

¹ Mestra em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró, Brasil, e-mail: pamella_rochelle@hotmail.com

² Doutorando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mossoró, Brasil, e-mail: geilson_fernandes@hotmail.com

³ Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró, Brasil, e-mail: nogadriana@yahoo.com.br

⁴ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi é pesquisadora (1A do CNPq) e professora universitária brasileira. Foi a introdutora, no final dos anos 70, da Análise do Discurso no Brasil.

centrada numa discussão marxista e, portanto, em Michel Pêcheux e Althusser. Era um momento histórico da abertura política e essa discussão marxista era muito importante para aquele momento, tanto que eu acho que a AD se fortaleceu no Brasil nos anos 80 e até hoje justamente por causa do contexto histórico em que ela chega aqui, momento da abertura política, quando é necessário começar a discutir essas questões, pois havia o processo de democratização do país com a abertura política e os intelectuais estavam procurando caminhos. Como é que nós, do campo da Linguística, poderíamos ler Marx, pensar o discurso? Então, eu creio que foi muito pertinente que o campo tenha crescido tanto, bem como que tenha tido a sua emergência naquele momento. Voltando para minha história com a Análise do Discurso, eu comecei por essa leitura pêcheutiana e althusseriana, mas já, desde o início, imaginando que havia um outro autor desse mesmo momento histórico que pensava de uma maneira diferente, que problematizava inclusive as teses Marxistas. O meu encontro com Michel Foucault vai se dando aos poucos, conforme eu vou fazendo a leitura da obra dele. Eu cheguei a assistir uma palestra que ele ministrou no Brasil no final dos anos 70 e começo dos anos 80, quando ele esteve na Universidade de São Paulo (USP) falando sobre a história da sexualidade, mas confesso que eu não entendi nada naquele primeiro momento, que é o lógico, o primeiro encontro com Michel Foucault, né? Posteriormente, eu comecei a lecionar na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara, em 1984, para ver como é tudo recente. No ano em que Michel Foucault faleceu, eu estava entrando na Universidade, tinha terminado meu mestrado, estava fazendo meu doutorado, comecei a constituir o grupo de pesquisa que é o Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA)⁵, e começamos sistematicamente a leitura do Michel Foucault, que é uma coisa que nós fazemos até hoje. Então, eu acho que, como todo pesquisador, o encontro com o seu autor e com o seu objeto vai sendo construído ao longo do tempo. Posso dizer que até hoje esse encontro com Foucault e com a Análise do Discurso vem acontecendo, até chegarmos no momento atual, quando eu aproveito para dizer que, nesta semana, está sendo aprovada a constituição do Grupo de Trabalho (GT), dentro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)⁶, chamado “Estudos Discursivos Foucaultianos”. Quer dizer, só agora a gente pôde constituir esse lugar para a Análise do Discurso e, no próximo encontro da ANPOLL, nós já vamos ter esse espaço, então, começa um novo ciclo para os estudos do discurso com Foucault, e vai se dando sempre assim, de um ciclo para outro.

2 Entrevistadores: A AD chega ao Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Como a senhora analisa a trajetória de desenvolvimento da AD em solo brasileiro, bem como a sua constituição na atualidade?

MRG: A AD chega ao Brasil com o momento de abertura política, de modo que antes disso não era imaginável, pois é um campo que tem como base a leitura marxista, então não era possível a discussão política ali. Ela (a AD) chega trazendo fortemente as questões políticas para o campo das Letras e, aqui no Brasil, vai se instituir dentro do campo dos Estudos da Linguagem. Na França não, na França a AD não era feita por linguistas, era feita por

⁵ Grupo de Estudo coordenado pela entrevistada. Para mais informações, acessar: <http://geadaararaquara.blogspot.com.br/>.

⁶ Mais informações: <http://anpoll.org.br/portal/pt/>

filósofos, historiadores. Aqui no Brasil, então, já vai ter essa diferença, porque ela vai começar no campo das Letras e vai ser muito problemática a sua relação com as outras áreas da Linguística. O que predominava nesse momento era a Linguística formal, Chomskyana, uma Linguística descritiva, e começa um embate. Há um momento muito forte de embate nos primeiros anos, eu diria nos anos 80 e 90, mesmo porque o campo das Letras não era acostumado com a discussão interdisciplinar. E o que vai acontecer é que esse campo dos Estudos da Linguagem, conforme nós vamos avançando nas discussões, vai se tornando interdisciplinar, e por isso que se observa que hoje a Análise do Discurso não é um campo, não é uma área de estudos que pertença ao campo das Letras. Mudou muito do momento em que ela chega para hoje, quando cada vez mais há um diálogo com historiadores, com pessoas da área de Comunicação, etc. Meu grupo de estudo trabalha com mídias, por exemplo, então meus orientandos, a maioria deles não vem das Letras, vem da área de Comunicação, da área de História, da área de Sociologia, da área de Antropologia. Acho que a Análise do Discurso hoje aqui no Brasil é um campo bastante heterogêneo, não só porque tem diferentes vertentes, diferentes autores com diferentes concepções, diferentes leituras marxistas, como os pècheutianos e os foucaultianos. Assim como há lá na França naquele momento uma luta teórica entre os marxistas e Foucault, essa luta se reproduz no Brasil também, além de outras vertentes, como a Análise Crítica do Discurso, a bakhtiniana; são diferentes leituras marxistas, então é um campo heterogêneo, e que tem uma aplicação heterogênea, os objetos são muito diversos. Meu grupo trabalha com mídia, mas há grupos que trabalham com discurso literário, outros com discurso religioso e por aí vai, então eu acho que é um momento muito fértil justamente por isso, porque é um campo bem heterogêneo, tanto teoricamente quanto em relação aos seus objetos.

3 Entrevistadores: A partir do desenvolvimento dos trabalhos de Foucault sobre o saber, o poder e a subjetividade, há algumas mudanças nos estudos do campo da Análise do Discurso, sobretudo a Francesa. Quais os impactos que a senhora pode destacar quando a AD toma os postulados de Foucault no desenvolvimento do seu aparato teórico e conceitual?

MRG: Eu acho que nossos trabalhos se tornaram mais críticos, mais políticos, não que os trabalhos pècheutianos não sejam críticos ou políticos, evidentemente eles são, mas eles tomam como base uma certa leitura marxista que vai pensar o real histórico, o real social, a partir de oposições, dicotomias, classe dominante, classe dominada. Na base da perspectiva de um marxismo mais ortodoxo, as lutas econômicas são predominantes. Todavia, quando a gente vai para Foucault, ele tem uma visão muito mais heterogênea do social e do real histórico, primeiro porque ele tem uma concepção de história que é nietzschiana. Para ele, a história é descontínua, dispersa. Segundo, porque ele faz uma leitura da obra de Marx para as questões contemporâneas e mostra que vivemos um capitalismo muito mais complexo do que as lutas econômicas. As lutas econômicas existem, as classes existem, mas existem também muitas outras lutas no mundo contemporâneo, lutas étnicas, lutas de profissionalidade, lutas raciais e religiosas, os mulçumanos e não mulçumanos, por exemplo, e é justamente essa pluralidade de lutas que vai fazer com que ele (Foucault) chegue a uma microfísica do poder, mostrando também que o poder não está lá no Estado somente, no centro, e que é o Estado

que o distribui a partir dos aparelhos ideológicos, o que é uma tese da leitura marxista feita por Althusser. Michel Foucault vai dizer: tudo bem, claro, existe o poder do Estado, mas também existem outros poderes que não nascem necessariamente do Estado. Se eu penso no cotidiano, na microfísica, na cultura popular, nesses saberes desqualificados, que foram desqualificados, que são os saberes dominados, eu vejo que há essa pluralidade de luta e essa pluralidade dos lugares do poder, assim como as táticas e as estratégias de resistência. Nesse sentido, acho que Michel Foucault é um filósofo tão lido hoje por todas as áreas justamente porque ele quebra, ele faz uma pequena explosão no paradigma marxista para mostrar que o mundo é muito mais complexo e que as lutas são muito mais complexas, e para mostrar quem somos nós no presente, é essa coisa heterogênea das lutas, do poder, da resistência. Com isto, nós da Análise do Discurso ganhamos muito porque, para Michel Foucault, em tudo isso, o discurso está no centro. Ele estava sempre muito preocupado com a questão da linguagem, do discurso, então pensar essas lutas, a microfísica, a partir dos discursos é uma grande contribuição de Michel Foucault para os estudos dos discursos contemporâneos.

4 Entrevistadores: Em texto recente de Jean-Jacques Courtine, em livro publicado no Brasil em 2016, intitulado “Insubordinações contemporâneas”, o autor aponta a necessidade de atualização de alguns conceitos do campo da Análise do Discurso, como formação discursiva. Como a senhora analisa este posicionamento, tendo em vista a questão da complexidade dos discursos na atualidade a partir da emergência das mídias digitais?

MRG: Já num livro anterior ao “Insubordinações contemporâneas”, tem um livro dele que é “Decifrar o corpo”, no qual ele fala rapidamente que o conceito de formação discursiva na própria obra do Michel Foucault se torna mais complexo quando Foucault passa a falar de dispositivo. Então, é você pensar que tem as formações discursivas e tal, mas que é preciso mobilizar o conceito de dispositivo, porque ele nos permite analisar não só os discursos verbais, mas também as imagens, não só aquilo que os homens dizem, mas as suas práticas. Então, ele já vinha falando isso anteriormente, que o conceito de dispositivo substitui de alguma maneira na própria obra do Michel Foucault, o conceito de formação discursiva. E nesse texto mais ainda atual do Courtine, que está lá no livro “Insubordinações contemporâneas”, que foi organizado pela Curcino, Sargentini e Piovezani, ele vai dizer mais ainda, ressaltando que nós precisamos (re)pensar esses conceitos hoje, no sentido de incorporar as práticas das mídias digitais, o que é verdade. Ele diz: “nós temos que pensar que hoje existem as redes. Pensar o discurso como uma rede, e as redes são muito mais complexas”, porque ali no meio digital tem uma escala planetária, coisa bastante complexa. Então, nesse sentido, é pensar Michel Foucault hoje, do mesmo jeito que pensar o discurso com Foucault. Nós temos que pensar como ele mesmo falava, que é preciso fazer ranger as teorias; o saber não é feito para compreender, o saber é feito para cortar, então nós não podemos pensar que a produtividade de um conceito seja a mesma hoje de quando ele foi utilizado em outras épocas e para outros fins. Nós temos que estar o tempo todo pensando a produtividade desses conceitos para hoje, aquilo que nós vivemos hoje, aquilo que nós vivemos no Brasil, que é outro aspecto. Há muita crítica, que eu acho meio absurda, que diz: “olha, Michel Foucault nunca pensou na América Latina, nós precisamos de conceitos para a

América Latina”. Mas, como que eu vou exigir que o Foucault pensasse na América Latina, alguém que nasceu na França, falava sobre o contexto europeu, nós é que temos que deslocar o que ele falou para pensar a colonialidade, o fato de termos sido colônia, a América Latina, etc.

5 Entrevistadores: Foi dito que a mídia tem sido um de seus principais objetos de estudo. Sobre isto, qual a sua visão sobre a mídia, considerando-a como instância agenciadora de discursos, em sua maioria carregados de apelos e modelos subjetivos?

MRG: Talvez ela (a mídia) seja o principal dispositivo de agenciamento das subjetividades, de produção das subjetividades. Assim como no século XIX até metade do século XX foi a escola, ou anteriormente foi a família, hoje nós vivemos no mundo das mídias, e isso não é uma novidade. As mídias digitais interferem certamente nas mídias tradicionais, há toda uma ecologia das mídias, uma mídia não vive sem a outra, então eu não posso dizer que, assim como a televisão foi a mais importante por certo tempo, hoje talvez já não o seja mais, tendo que se atualizar, ter o seu portal, como no caso do G1 que é da Globo, entre outras ferramentas. Isso é um dado que eu nem precisaria do Foucault para dizer, certo? No entanto, como Foucault, eu posso pensar que esse dispositivo, ele se conecta aos outros, se conecta ao político, se conecta à sexualidade, e o importante é tentar analisar como eles se relacionam, como eles se articulam, como eles lutam e como são também reorganizados. É pensar, por exemplo, como as questões de gênero e o movimento feminista mobilizam lutas através do ciberativismo. O que muda quando o feminismo adota novas práticas de atuação, que é o ciberativismo? O que é que muda nessa alteração de lugar da mídia tradicional para a mídia digital? Quais são as tensões que isso provoca? E mais, a grande mudança que as mídias digitais trazem em termos de produção de conteúdo, levando em conta que anteriormente você tinha o produtor, que era uma grande corporação, a rede Globo, por exemplo, e nós todos éramos consumidores da mídia televisiva, da mídia impressa, e hoje o próprio sujeito tem condições de produzir conteúdo, de disponibilizar, postar, então há uma mudança, e o surgimento das mídias alternativas, como a mídia Ninja⁷, é um bom exemplo disso. Nesse sentido, o que é preciso considerar, é como esse dispositivo, no interior dele mesmo, trabalha com as lutas, como ele se inter-relaciona com outros dispositivos, como o da sexualidade, o da segurança, a questão dos gêneros.

6 Entrevistadores: Ainda falando sobre a questão da mídia e a sua relação com a crise, que foi o tema do IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso (CONLID) e de uma das conferências, inclusive proferida pela senhora, qual a sua leitura da atuação da mídia e seus discursos como instâncias que agenciam os sentidos da crise política e econômica brasileira?

MRG: Ao mesmo tempo em que ela constrói a crise, ela também age no sentido de desconstruir. E eu retomaria aquela ideia de que a gente fala em mídia e hoje isso é bastante

⁷ Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede descentralizada de mídia, com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida principalmente pelo ativismo sociopolítico, mostrando-se como uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais. O grupo ficou reconhecido internacionalmente após a cobertura independente das Jornadas de Junho de 2013.

complexo, porque nós temos diferentes mídias e nós temos uma relação muito forte entre as mídias corporativas que reproduzem a crise, a mídia corporativa que está a serviço do capitalismo, que reproduz as ideias de uma classe dominante, mas nós temos alternativas, temos os sujeitos do cotidiano, temos uma nova maneira de fazer política que é o ciberativismo, e isso foi muito interessante na primavera Árabe e na primavera brasileira. Eu não posso só pensar numa mídia que criou a crise, tudo bem que a crise foi criada por acontecimentos históricos, econômicos e políticos, como a derrubada do governo e a própria economia. Então a mídia cria discursivamente, a mídia corporativa pode aprofundar essa crise não só nos editoriais e nos jornais, mas também naquilo que seria a margem das corporações. O discurso da crise vai gerando outros discursos, como a desvalorização profissional de certas categorias, como professor principalmente, enfim, tem a mídia corporativa que está ampliando e criando essa relação entre a crise e os interesses econômicos de uma certa classe dominante. Mas você tem a mídia Ninja, você tem as mídias alternativas, que estão dizendo outra coisa, estão dizendo que você tem que lutar pelo seu direito, problematizando por quais motivos nós trabalhadores temos que pagar, por exemplo, as dívidas que foram feitas por grandes grupos econômicos. Então a luta é intermitente e há um texto muito lindo do Michel Foucault em que ele faz uma pergunta, “É inútil revoltar-se?”, porque se a gente ficar só nessa ideia de que a mídia criou a crise, então a crise existe e eu vou ficar quieta, é inútil revoltar-se... Mas as mídias alternativas estão dizendo exatamente o contrário: de jeito nenhum, não é inútil, não é inútil, porque nós temos que resistir.

7 Entrevistadores: Uma das problemáticas principais da filosofia desenvolvida por Foucault e refletida em muitos trabalhos da AD é o questionamento acerca de quem somos nós hoje. Na sua perspectiva e a partir das leituras sobre os discursos, a mídia e a contemporaneidade, como perceber ou encontrar pistas para tal questão?

MRG: É muito difícil, até porque o sujeito, numa concepção idealista, seria esse: “o sujeito”. Mas nós não temos “O sujeito”, e era uma tese marxista: “O sujeito da ideologia”. Nós não temos “O sujeito”, o que nós temos é constantemente essa dispersão de lugares. A identidade, inclusive, para Michel Foucault, é um pesadelo, é uma máscara que nós somos obrigados a adotar e em tudo está a luta, e as principais lutas contemporâneas se dão em torno da questão da identidade, contra a sujeição, seja a sujeição em relação a um outro que quer te sujeitar pelo poder econômico, político, mas também a sua sujeição a si mesmo, sua sujeição a uma identidade que foi produzida fora, mas a qual você é obrigado pelo outro a se identificar. Quem somos nós hoje!? Acho cada vez mais interessante pensar que nós somos muitos, daí a ideia da diferença. O mesmo sujeito é muitos, é disperso, ocupa diferentes lugares, e acredito que essa é uma das ideias centrais de quando Michel Foucault perguntou “Quem somos nós hoje?”. Ele colocou esse “nós” que é o plural. A pergunta clássica da filosofia é “quem sou eu?” e ele vai perguntar “quem somos nós?”. Nós somos essa fratura, muitos e diversos. Então eu acho que a heterogeneidade, a diversidade, a complexidade, a problematização, são as questões que Michel Foucault nos traz. Ele quer o tempo todo que a gente não caia na tentação de querer encontrar a verdade, mas sim como os dispositivos tem diferentes táticas, práticas e estratégias para nos ligar à verdade, para dizer “qual é a minha verdade”. E essa verdade não existe, não há uma verdade, mas muitas e aí ele é profundamente nietzschiano

quando fala isso, quando reafirma que a história é uma construção, que não há uma verdade na história e o sujeito é uma produção histórica. Não há também uma verdade no próprio sujeito, o que há são lutas, batalhas, brigas, explosões. E é isso que é interessante que os nossos trabalhos analisem. Não é porque eu sou de determinado modo que eu tenho em mim essa verdade e essa consciência. O sujeito é dividido, não é porque sou de dada forma que eu vou o tempo todo me deter a essa identidade. Não, porque nós somos muitos. Sendo um, nós somos muitos. Acho que essa que é a grande lição e que faz com a gente seja mais crítico e ao mesmo tempo mais humano, tendo essa consciência de que sempre vai me faltar pedaços. Eu sou incompleto e não preciso me desesperar por isso, porque é próprio da humanidade, mesmo que provoque esse mal-estar que os autores chamam de mal-estar da modernidade, da pós-modernidade, essa condição pós-moderna, essa ideia de que nós somos muito heterogêneos.

Referências

COURTINE, J-J. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In.: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EdUFSCAR, 2016, p. 15-29.

COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. É inútil revoltar-se? In: FOUCAULT, M. **Ditos & escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 77-81.

GREGOLIN, M. do R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.